

22/04/2019

Futuro do Trabalho: imigração virtual, globalização e exploração (Parte3)

Francisco Lacaz

[Doutor em Medicina. Professor Titular Sênior da Escola Paulista de Medicina da UNIFESP]

Em entrevista à jornalista Raquel Landim, na Folha de São Paulo, o professor Richard Baldwin, que atua no Instituto de Graduação de Estudos Internacionais e do Desenvolvimento em Genebra, falou do que chama “imigração virtual”, uma nova fase da globalização que beneficiaria países emergentes (Landim, 2019).

Para ele, especialmente na área de serviços, a chamada “imigração virtual” que, hoje, assemelha-se a trabalhar alguns dias em casa, sem comparecer à empresa, vai ganhar uma dimensão maior quanto a atividades internacionais, ou seja, quem mora num determinado país vai poder trabalhar um local fora dele, algo já frequente em atividades envolvendo desenvolvimento de software e nos maiores bancos. O que o professor não diz, talvez por considerar natural, é que tal situação irá permitir maior exploração da força de trabalho na medida em que um trabalhador do Brasil, por exemplo, estará satisfeito em receber US\$ 10 (R\$ 39,00) por hora, tornando mais barato o custo da atividade, do que se todos os participantes morassem na Suíça. Esta nova realidade será facilitada pela melhoria nas telecomunicações como afirma Baldwin, com a maior “[...] qualidade do Skype, do Facetime e de outras tecnologias mais sofisticadas” (Landim, 2019, p. A 28).

Quanto às barreiras linguísticas, seriam rapidamente superadas por meio das máquinas de inteligência artificial que usam aplicativos que fazem tradução.

Para o entrevistado, houve uma maior facilidade “[...] de aprendizagem das máquinas, e o algoritmo agora não traduz palavra por palavra, mas frase por frase, o que melhorou muito o trabalho” (Landim, idem). Aqui caberia indagar para esclarecer: melhorou para quem?

Outro aspecto que irá jogar água neste novo moinho de exploração por parte do Capital e que não é assim visto pelo entrevistado, será “O surgimento de sites que servirão de plataformas de contratação de profissionais (...) [os quais] vão tornar mais fácil para as empresas encontrar profissionais estrangeiros... propiciar o pagamento dos serviços e trazer alguma segurança para quem está contratando” (Landim, idem).

Esta nova sistemática permitirá contratar pelo salário de um “[...] contador medíocre nos EUA (...) os melhores do Brasil” (Landim, idem). Tal verdadeira “maravilha” apontada e defendida pelo entrevistado terá alguns “inconvenientes” como, por exemplo, estar mais ajustada a trabalhadores de classe média dos países ditos emergentes, pois como afirma Baldwin: “Infelizmente não é para todos.

Para se beneficiar desse fenômeno, o trabalhador precisa de computador e internet e de qualificações que exigem alguma educação formal. Não vai atingir os países muito pobres nem todos no Brasil” (Landim, idem). Mas é bom salientar que alguns perigos são vistos pelo entrevistado ao ser indagado sobre a insatisfação com a globalização e a imigração - fato que facilitou a chegada ao poder de partidos de extrema direita, com líderes e posturas populistas -, na medida em que, com rapidez, serão perdidos muitos empregos de “colarinho branco”, elevando o exército industrial de reserva, cujos desempregados somar-se-ão àqueles que já perderam emprego na indústria, podendo ocasionar revoltas. A situação acima descrita apenas salienta a realidade da cada vez maior desigualdade e exclusão social sob o Capitalismo, reforçada pelas novas tecnologias que aprofundam o desemprego estrutural, aumentando a horda de subempregados e a “pejotização” do mercado de trabalho, calcada no individualismo e na naturalização da desigualdade. A isso se soma a perda de espaço e enfraquecimento dos sindicatos na luta pelo aumento do poder de barganha dos trabalhadores. Como espelho desta situação: “Em 1979, 34% dos trabalhadores americanos do setor privado pertenciam a sindicatos. Hoje, são 11%” (Brant, 2019, p. A 17). Com isso concorda a professora Ruth Zambrana, da universidade de Mariland, para ela: “Houve uma erosão dos sindicatos e isso é uma perda para a sociedade, que é individualista e não tem senso de coletividade” (Brant, idem).

Diante desta escalada de perdas para a maioria dos trabalhadores, fica cada vez mais evidente que a luta anticapitalista deve ser a prioridade a orientar a ação política da sociedade civil na contemporaneidade, sendo importante associar-se às lutas identitárias do multiculturalismo, que envolve movimentos de gênero, raça e crença religiosa, mas assumindo o papel mais importante, como ferramenta de enfrentamento da cada vez maior exploração e acumulação capitalista.

Frise-se que não é isso que se observa na atuação da esquerda pelo mundo hoje, na medida em que, como aponta Slavoj Zizek, tal preocupação está longe da pauta dos movimentos de esquerda, quando demonstram um verdadeiro “[...] esquecimento da economia como ponto primordial da batalha” (Nascimento, 2019, p. 4).

Assim, é primordial retomar a estratégia da luta anticapitalista como foco da batalha por um mundo melhor! ■■■

Citações

- Brant, Denielle. Políticas de Trump ameaçam agravar desigualdade nos EUA. *Folha de São Paulo*. Edição de 07/04/2019, p. A 17.
- Landim, Raquel. Imigração virtual inaugura nova fase da globalização e vai beneficiar emergentes. Entrevista com Richard - Baldwin. *Folha de São Paulo*. Edição de 07/04/2019, p. A 28.
- Nascimento, Rodnei. Zizek dobra a aposta contra o capitalismo. *Folha de São Paulo*. Edição de 07/04/2019, Caderno Ilustríssima, p. 4.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.